ALBERTO DE OLIVEIRA E O SIMBOLISMO

EUGÊNIO GOMES

A atitude de Alberto de Oliveira perante o movimento simbolista brasileiro manteve-se a mesma até o fim de seus dias. Era a de um adversário, "o adversário decidido dos simbolistas", no dizer de Andrade Muricy, consumado exegeta daquele movimento.

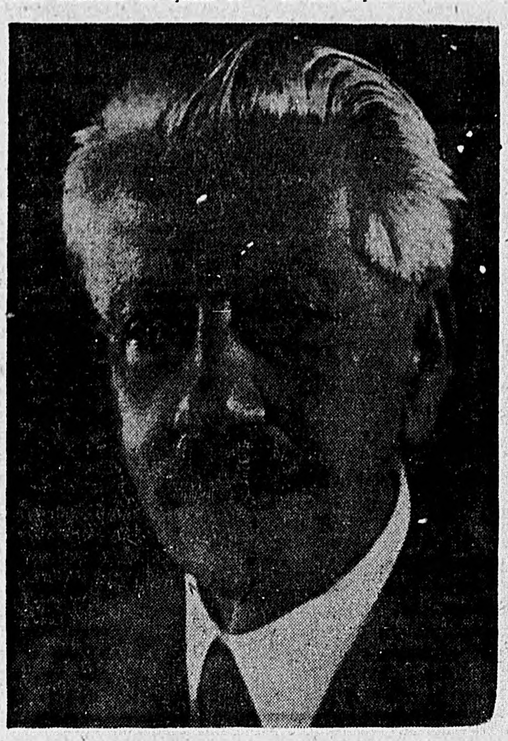
O poeta da "Alma em flôr", embora cauteloso em não melindrar pùblicamente os seus adversários, deixou transparecer suas resistências àquela corrente estética em mais de um ensejo, mesmo após o declínio do parnasianismo, quando êste já tinha sofrido os mais duros revezes e estava francamente superado.

Na sua conferência sôbre o culto da forma na poesia brasileira, pronunciada na Biblioteca Nacional, em 1913, eram de certo remanescentes ou influenciados do simbolismo os poetas que tinha em vista, quando dizia: "Há-os aí que fazem soneto só por florestálo de consoantes surpreendentes, como os há cujos versos miram apenas alcançar o máximo de parafonias rítmicas ou de combinações de vogais." Em suas conclusões, aludiu, com o mesmo sentido, à inconveniência do emprêgo de "termos vagos" e "das monofonias viciosas no verso e na rima."

Alguns anos depois, numa entrevista obtida em 1927 por Gonçalo Jorge, pseudônimo sob que se ocultava o escritor Múcio Leão, referiu-se Alberto de Oliveira diretamente a Cruz e Souza, mas de maneira evasiva e desdenhosa, divulgando uma versão da conquista de Sílvio Romero pelo poeta negro que deu motivo a violenta réplica de Nestor Victor, através d' "O Globo", onde o crítico do simbolismo escrevia então regularmente. Entre os versos que Sílvio Romero exaltava com um entusiasmo embebido de grande piedade pela situação de miséria em que vivia Cruz e Souza, segundo a mesma versão, recordou Alberto de Oliveira o poema celebrizado justamente por causa de uma daquelas monofonias que lhe pareciam condenáveis: "Vozes veladas, veludosas vozes"...

Nestor Victor viu enfim nessa entrevista, forrada de reserva mental para com o simbolismo brasileiro, mais uma evidência de que o Príncipe dos Poetas daqueles dias tinha mesmo tomado "assinatura", conforme sua própria e pitoresca expressão, tomada à gíria local, contra o autor dos "Últimos sonetos".

Mas uma coisa é a presença dos indivíduos e outra a das idéias, de que se fazem arautos e propagadores, com maior ou menor devotamento. É o que é preciso não esquecer, examinando-se as reações de Alberto de Oliveira, em face do simbolismo. Não há dúvida que êle combateu sempre as suas manifestações no Brasil, mas principalmente por efeito de partido tomado com Olavo Bilac e outros em prol do parnasianismo, "tout court" embora as bifurcações entre as duas correntes fôssem de natureza a confundir ou apagar freqüentemente as suas linhas divisórias. Além disso, havia um traço percebível de identidade nêsse báratro: o da impregnação de um dos pais do simbolismo, Baudelaire, fàcilmente observável em Bilac ou Alberto de Oliveira. Êsse último, colheu Múcio Leão, ao entrevistá-lo, tinha "uma fascinação particular por Baudelaire, que foi a primeira grande influência literária que se fixou em sua inteligência." Essa é porém uma fonte em que se mesclam amavios de uma alquimia deveras complicada, onde cada um podia se embriagar do que quisesse... Em Bilac influiu o lado por assim dizer metálico da poesia baudelaireana, aquêle que conferiu às mulheres o aspecto de bronze, mármore ou aço, e isso concordava plenamente com o ideal artístico de quem se empenhava em trabalhar o verso como um vaso de Becerril. Apesar dêsse propósito, expressado em sua famosa "Profissão de Fé", o poeta das estrêlas saudando a Alberto de Oliveira, em 1917, rebateu vivamente a idéia de que tivesse havido aqui uma escola parnasiana e que os chamados poetas parnasianos fôssem impassíveis... Entretanto, já em 1886, escrevendo sôbre os "Sonetos e Poemas", Lúcio de Mendonça impugnava "a poesia impassível" em evolução, condenando-lhe o propósito de competir com a estatuária.



ALBERTO DE OLIVEIRA

Pode-se admitir que não houvesse naqueles poetas nenhuma tendência congênita à impassibilidade, mas esta prevaleceu em seus versos, tornando-os geralmente estáticos, e isso foi uma das causas por que se abriu irreparável divisor de águas entre os parnasianos e os simbolistas.

Andrade Muricy, na introdução do "Panorama do movimento simbolista brasileiro", evidenciando o antagonismo dessas duas correntes em nosso país, após o desaparecimento de Cruz e Souza, apontou em Bilac e Alphonsus de Guimaraens os dois extremos em que estava dividida a poesia brasileira.

Embora rendendo tôdas as homenagens a Alberto de Oliveira, a quem tratava declaradamente de mestre, Olavo Bilac jamais abriu mão do domínio que de fato exerceu sôbre os parnasianos em geral. Por isso mesmo, entre os dois grandes poetas, os papéis estavam invertidos, dada a obediência do proclamado mestre à orientação inflexível do discípulo arisco e voluntarioso... Quando o sucedeu no principado é que o autor do "Ramo de árvore" passou a mostrar-se menos intolerante em suas opiniões sôbre o decadentismo, exceto quando entravam em jogo os nomes ou composições de seus antigos adversários.

Na entrevista de 1927, e já estava pràticamente no fim de sua carreira, a propósito de suas tendências e de outros parnasianos à impassibilidade, no começo do movimento da Idéia Nova, esclareceu mesmo o velho poeta que, com o tempo, cada um volveu às suas próprias emoções, à sua alma, aos seus anelos. "Hoje, essa é a verdade — concluiu — cada um de nós é um romântico a seu modo".

Quando fêz essa declaração tinha já pronto para entrar no prelo o quarto volume de suas "Poesias", abrangendo o período de 1921 a 1925, o qual saiu naquele mesmo ano. Aliás, o soneto de abertura dessa série contém uma confissão bastante significativa: "Agora é tarde para novo rumo/ dar ao sequioso espírito; outra via/ não terei de mostrar-lhe/ à fantasia e além desta em que peno e me consumo".

Pretextando estar refugiado num romantismo a seu modo, naquela época, Alberto de Oliveira acreditava ter ficado completamente imune do simbolismo, cuja importância subestimava sempre que se lhe oferecia alguma oportunidade, como o da antologia organizada juntamente com Jorge Jobim, na qual só por insistência desse último Cruz e Souza foi incluído, e de mau jeito. Aliás, no prefácio à mesma antologia, desforrando-se dessa concessão, o severo poeta omitiu sumariamente o simbolismo, resumindo a evolução da poesia brasileira deste modo: "Aos românticos sucedem os parnasianos. Em mãos destes o verso acentua aquela evolução e é perfeito como instrumento de sentir e de idéia. Restauram-se e aprimoram-se antigas formas e votam-se á língua culto e estima que ultimamente lhe iam faltando".

Por isso que não tomava conhecimento do simbolismo, pelo menos de seus reflexos no Brasil, Alberto de Oliveira quis configurar a sua derradeira posição estética unindo as pontas já puídas do parnasianismo ás do romantismo, ainda mais gastas do que aquelas, como se nada tivesse acontecido de permeio.

Olavo Bilac tinha desaparecido cerca de dois anos antes daquele prefácio, mas ainda era considerável a sua influência sôbre os antigos companheiros de ideal e de luta em pról da Deusa Forma. Mas, apesar de sua confissão na abertura da quarta série de suas "Poesias", Alberto de Oliveira, que era mais espontâneo e mesmo mais puro em seus sentimentos, não foi tão impermeável quanto Bilac às inovações trazidas à poesia pela escola simbolista. Já em 1906, quando as relações entre o crítico e o poeta eram cordiais e assim permaneceram longos nos, Nestor Victor, em estudo incluído na "Crítica de Ontem" deixara assinalado, sem ter com isso provocado nenhum protesto nos arraiais parnasianos, a influência do simbolismo ou decadentismo em composições de seu último volume, àquela época. Influência apenas epidérmica, acentuou o crítico, porque manifestada sòmente no uso, duas ou três vêzes, do verso endecassílabo (de Castilho), que o poeta até então não tinha adotado. Essa influência formal ampliou-se com o emprêgo do "enjambement" e do verso livre. Se bem que o primeiro, na fase de maior freqüência, possa ser atribuído a Victor Hugo, é certo que teve rápido e febril desenvolvimento depois de sua utilização pelos decadentistas, com Banville, Verlaine e outros. Quanto ao verso livre, a felicidade com que o manejava Mário Pederneiras converteu-se naturalmente numa tentação geral, em nosso país, e Alberto de Oliveira não foi indiferente nem insensível a essa tentação.

Se a sua transigência dessa maneira com o decadentismo tivesse ficado apenas nisso, seria já bastante expressivo, mas foi além. Mostrou-o, até certo ponto, Andrade Muricy, no último volume de sua já citada e importante obra, com a inclusão de duas poesias de Alberto de Oliveira: "Longe... mais longe ainda!" e "Foi a um sol sem raios", publicadas respectivamente no Almanaque Brasileiro Garnier de 1911 e no livro "Póstuma". Em ambas o bafejo do simbolismo é incontestável, como veremos em outro artigo, examinando essas e outras ressonâncias da mesma procedência em sua inspiração.